

Analfabetismo por Idade e Gênero

Em 2000, dos 7.811.968 habitantes da cidade de São Paulo com idade igual ou superior a 15 anos, 53,3% (4.163.749) eram mulheres e 46,7% (3.648.219), homens. Essa maior participação feminina na população de 15 anos ou mais acentua-se no grupo de 350.026 analfabetos, em que 60,7% (212.413) eram mulheres e 39,3% (137.613), homens. Ou seja, além de haver mais mulheres do que homens na população, o analfabetismo ainda era maior para o contingente feminino (5,1% contra 3,8% para o masculino). Já em relação ao analfabetismo funcional, as taxas entre homens e mulheres eram mais próximas (9,7% e 9,9%, respectivamente), o que pode sugerir a hipótese de que as mulheres tenham sido as maiores beneficiadas pelo processo de ampliação da escolaridade da população dos últimos anos. Ainda assim, em números absolutos, havia mais mulheres (414.138) do que homens (352.383) entre a população alfabetizada que não tinha completado quatro anos de estudo.

A hipótese de escolarização recente da população feminina é reforçada pelos dados por faixa etária, pois, à medida que avança a idade da população, aumenta o analfabetismo feminino. É apenas na juventude (15 a 29 anos) que o analfabetismo é majoritariamente masculino: dos 47.217 analfabetos desse grupo idade, 27.523 (58,3%) eram homens e 19.693 (41,7%), mulheres. Entre os jovens do sexo masculino, a taxa de analfabetismo era ligeiramente superior à do contingente feminino (1,9% e 1,3%, respectivamente). Na mesma faixa, dos 163.288 analfabetos funcionais, 88.565 (54,3%) eram homens e 74.663 (45,7%), mulheres. A taxa de analfabetismo funcional entre os homens de 15 a 29 anos, em 2000, era de 6,2%, enquanto para as mulheres correspondia a 4,9%.

Já na idade adulta (30 a 59 anos), a maior parte dos analfabetos (57,6%)

era formada por mulheres (101.235), sendo que os homens representavam 42,4% (74.564). No entanto, as taxas de analfabetismo por sexo eram bastante próximas: 4,9% para as mulheres e 4,1% para os homens. Também em relação aos anos de estudo, as taxas mantinham-se próximas: 10,4% do contingente feminino e 10,2% do masculino eram alfabetizados, mas não tinham quatro séries completas de estudo. Entre as pessoas alfabetizadas que não tinham completado quatro anos de estudo, 53,7% eram mulheres (215.091) e 46,3% correspondiam a homens (185.340).

A maior taxa de analfabetismo feminino foi encontrada na população de 60 anos e mais: 15,9% das mulheres desse grupo de idade eram analfabetas (contra 9,0% para os homens). Os analfabetos de 60 anos e mais totalizavam 127.010 pessoas, das quais a maioria era formada por mulheres: 72,0% (91.484 mulheres e 35.526 homens). Ou seja, nessa faixa de idade, além da taxa de analfabetismo feminino ser significativamente maior que a dos homens, no grupo de analfabetos havia muito mais mulheres do que homens. Contudo, cabe mencionar que as mulheres são maioria na população total de 60 anos e mais de idade, incluindo os alfabetizados: dos 969.428 residentes na capital com 60 anos e mais, as mulheres representavam 59,4% (575.806), enquanto os homens correspondiam a 40,6% (393.622).

As mulheres a partir de 60 anos de idade que sabiam ler e escrever, mas não tinham quatro anos de estudo somavam 124.384 (21,6% das mulheres e 61,3% do total da população da faixa etária). Nessa faixa etária, estavam na mesma situação 78.478 homens (19,9% dos homens e 38,7% da população de 60 anos e mais).